

# A UTILIZAÇÃO DA MÚSICA *ROCK* NO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO E INTERCULTURAL

Flávio Lages Rodrigues\*

## RESUMO

A presente comunicação se propõe a discutir como a utilização da música *rock* desde o seu nascimento entre 1940 e 1950 esteve atrelada ao diálogo inter-religioso e intercultural com significações tanto sagradas com o *gospel*, quanto profanas com o *blues*. Essas significações mostram que desde o início este estilo musical estava aberto para expressões religiosas e não religiosas na cultura, ainda hoje, o *rock* é capaz de produzir e reproduzir novas significações para os jovens que estão nas tribos urbanas *headbangers* e nos mais variados contextos citadinos em sociedades cada vez mais diversificadas. Outro fator que devemos considerar é que o *rock* em sua gênese mostra o poder dialogal entre os continentes africano, europeu e norte americano, e também a união dessas respectivas culturas. O Objetivo principal dessa comunicação é mostrar como o *rock* pode aglutinar os jovens na produção musical e nos seus mais diversos gêneros, como também no contexto religioso atual. As práticas religiosas e espiritualidades alternativas possibilitam na pós-modernidade a utilização de novos elementos e linguagens distintas que proporcionam ao fiel expressar sua religiosidade em linguagem e cultura própria. A metodologia proposta para esse trabalho é constituída por análise da referência bibliográfica e tem como teórico principal o sociólogo Michel Maffesoli em diálogo com outros autores, para uma melhor clareza quanto a socialização em torno do *rock*. Esta pesquisa defende a hipótese que mesmo com a utilização do *rock* nas práticas religiosas e em espiritualidades alternativas nas igrejas e comunidades evangélicas atualmente, no início ele foi utilizado pelos negros que clamavam por libertação de forma livre para expressão da vida como um todo, tanto no aspecto sagrado, quanto profano. Assim, igrejas e comunidades como a Caverna de Adulão em Belo Horizonte ao se apropriarem de elementos da cultura como o *rock*, acabam retornando ao mesmo ponto de partida dos negros, ou seja, o diálogo inter-religioso e intercultural.

**Palavras-chave:** *Rock* e Juventude, Música, Sociologia, Ciências da Religião, Teologia.

## Introdução

Pode parecer estranho ou soar de forma dissonante a linguagem da música *rock* aos ouvidos de muitos fiéis, líderes religiosos, igrejas e comunidades evangélicas na atualidade, mas o que percebemos é que o *rock* desde o seu nascimento sofre essa tensão, tanto no âmbito religioso, quanto cultural ao ter suas raízes no *blues* e no *gospel* dos negros que estavam sendo escravizados nos campos de algodão e utilizavam esse estilo musical como grito de libertação no aspecto social e também religioso. O sagrado e o profano permeiam a música *rock* desde seu nascimento na década de 1940 e ainda hoje continuam a produzir os mesmos significados de

---

\* Flávio Lages Rodrigues é Mestre em Ciências da Religião pela PUC Minas (PPGCR) e bolsista pela Capes. Também é Graduado em Teologia pela Faculdade Evangélica de Teologia de Belo Horizonte (FATE-BH). E-mail: flaviopostrevor@yahoo.com.br.

seu nascimento com inúmeras bandas de *rock* cristão, *rock* secular e até mesmo bandas de *rock* satânico. Dualidades quanto ao uso dessa música como forma de libertação e protesto em várias áreas da vida mostram o diálogo inter-religioso e intercultural com o *rock* na atualidade.

O *rock* já em seu nascimento sofria grande carga de preconceito racial não só por esse estilo musical ir contra os interesses das elites dominantes e clamar por libertação, mas principalmente por partir dos negros que eram escravizados e desumanizados. Verificamos que a miscigenação, também pode ser observada na constituição do povo norte americano, várias tribos indígenas já habitavam todo o continente americano. Depois vieram os colonizadores ingleses e posteriormente a imigração de outros povos, inclusive os escravos africanos, este último grupo sofreu e ainda sofre todo tipo de preconceito naquele país, o que aponta para diversidade de povos, mas que na realidade não se traduz em igualdade de direitos e respeito a alteridade.

As décadas seguintes ao nascimento do *rock* os jovens que utilizavam esse estilo musical acabaram destruindo as barreiras políticas, econômicas, sociais, culturais e religiosas que insistiam em fazer separações entre as pessoas. As tribalizações ou tribos urbanas deram um novo sentido para os jovens que participavam da cultura das cidades. Michel Maffesoli (2010) mostra que o sentimento de pertencimento, de estar juntos, a partilha das mesmas emoções e dos mesmos gostos é o que fundamenta o tempo presente. Neste caso, as pequenas tribos urbanas se formam na partilha da mesma língua ou linguagem específica do grupo e é o que os une no mesmo ideal.

Portanto, o que veremos nesse estudo é que o *rock* pode ser utilizado por líderes religiosos, igrejas e comunidades como ocorreu com os pastores da Comunidade Caverna de Adulão<sup>1</sup> que utilizaram esse estilo musical como elemento socializador entre os jovens no início da comunidade. Essa abertura a elementos da cultura possibilitou aos jovens que se aderiam a comunidade expressar suas práticas religiosas no contexto da tribo urbana *headbanger*, no qual fiéis e líderes religiosos passaram a respeitar essas novas práticas religiosas e espiritualidades alternativas que atendam às necessidades das gerações emergentes.

---

<sup>1</sup> A Comunidade Caverna de Adulão iniciou suas atividades em 1992, quando alguns jovens e os pastores Fábio de Carvalho e Eduardo Lucas iniciaram trabalhos evangelísticos junto aos jovens que pertenciam as tribos urbanas *headbangers* pelas ruas e praças de Belo Horizonte. A criação da Comunidade Caverna de Adulão ocorre em meio às grandes transformações na cidade com o *rock* como elemento socializador. A comunidade passou por várias partes da região centro-sul da capital e desde 2004 está estabelecida à rua Aimorés 482 no bairro Funcionários.

## 1 POSSIBILIDADES PÓS-MODERNAS PARA OUTROS DISCURSOS

Notamos que o crescimento das grandes cidades proporcionou novas possibilidades para discursos diferenciados nas mais variadas áreas da vida humana, como a social, política, econômica, cultural e também a religiosa. Mudanças eclodiram em toda a sociedade e novas formas de saber e entender a vida surgiram. Na pós-modernidade, tanto o pensamento quanto a práxis humana sofrem grandes transformações. Parecem negados os antigos modelos que sustentaram a existência humana durante séculos. Essa transformação também se observa na ciência e na tecnologia que impulsionam o progresso. O pensamento pós-moderno nega qualquer estrutura que seja erigida sobre bases absolutas. “Não há ‘verdade’, apenas verdades. Não existe a razão suprema, somente há razões. Não há uma civilização privilegiada (nem cultura, crença, norma e estilo), há somente uma multidão de culturas, de crenças, de normas e estilos.” (MCGRATH apud SALINAS, 1999, p. 25).

Podemos observar que essas transformações trouxeram uma diversidade de possibilidades em todas as áreas da vida humana. No âmbito das práticas religiosas, também ocorreram aberturas e apropriações de elementos da cultura em nossos dias, que até poucas décadas atrás, não eram aceitos. O *rock* é um dos exemplos dessa abertura, onde as *novas* formas de linguagem e expressão, ícones, signos e outros objetos passam a ser utilizados pela e para a manifestação religiosa que, ao que tudo indica, inicia-se pelo uso do idioma ou língua do emissor para transmitir a mensagem ao receptor. A linguagem é o primeiro bem cultural de um povo. É a partir dela que significações são construídas e entendidas pelo grupo. Para Maffesoli (2010), a linguagem tem o poder de ligar os indivíduos às mais variadas redes sociais. “Sem nos pronunciarmos sobre o conteúdo dessa tendência, podemos considerar que a comunicação, ao mesmo tempo, verbal e não verbal, constitui uma vasta rede que liga os indivíduos entre si.” (MAFFESOLI, 2010, p. 139).

Aqui, podemos ver que a linguagem ou mesmo a comunicação nas suas mais variadas formas, expressam a experiência interna do grupo, reforçam os limites da comunidade e ajudam em sua construção ética. O *ethos*, no contexto da Comunidade Caverna de Adulão, se constitui a princípio com os jovens que não se enquadram nos modelos de igrejas tradicionais e se refugiam nessa comunidade para expressar sua prática religiosa em linguagem e cultura próprias. Entendemos que os elementos culturais e religiosos são construídos por homens e mulheres em seus contextos sociais, pois “não há como ignorar a cultura, ainda mais por ela não ser estática, pois sempre está em processo de transformação.” (RODRIGUES, 2006, p. 70). Nesse aspecto, os jovens que utilizam o *rock* e a religião fazem uma releitura de um estilo

musical para manifestar suas práticas religiosas, tornando-as acessíveis aos que recebem a mensagem.

Portanto, o que começou com os gritos campais de libertação dos negros americanos nos campos de algodão com o *gospel* e o *blues* abriu posteriormente para os jovens com o *rock* e seus gêneros para expressar sua rebeldia, contestação e insatisfação diante de uma sociedade opressora e injusta.

### 1.1 *Rock*, leituras do profano e do sagrado

Notamos que desde a sua criação, o *rock* teve forte ligação à rebeldia, contestação e busca por libertação diante da opressão em que os negros viviam com a escravidão nos Estados Unidos. Esses gritos por libertação começaram com o *blues* como música profana e com o *gospel* como música sagrada ecoam ainda hoje com o *rock* e seus diversos gêneros. O que mostra o poder de transformação da música negra como no caso do *blues* desde o seu fundamento. Esta visão é compartilhada por Friedlander, de acordo com ele “no início do século XX, o blues existiu de inúmeras formas diferentes.” (FRIEDLANDER, 2017, p. 32). Para Friedlander, o próprio *blues* se reinventou ao sair do meio rural em direção aos centros urbanos. A vida nas cidades e os problemas sociais advindos da Segunda Guerra Mundial possibilitaram essa nova leitura da vida com o *blues urbano*.

As apresentações de blues rural sulista nas varandas, nos bares de beira de estrada, ou na praça das cidades perderam importância na década que se seguiu à Segunda Guerra Mundial – até serem substituídas pelos blues urbano do Norte e Oeste. O centro passou a ser os bares enfumacados da região sul de Chicago, assim como outras áreas urbanas e palcos teatrais. Uma maciça migração negra durante a Depressão e os anos da Segunda Guerra Mundial criaram um grande número de comunidades afro-americanas nos centros urbanos do Norte do país ao final da guerra em 1945. As novidades e a alienação da existência urbana, a ausência do lar e da família – e de se apoio emocional e material ajudaram a criar o cenário no qual o blues urbano floresceu. (FRIEDLANDER, 2017, p. 32).

O *blues urbano* se desenvolveu como uma música de lamento ou escape para as adversidades da vida, um tipo de *limpeza mental*, que trouxesse alegria e esperança diante das incertezas e da opressão. Na visão de Friedlander, uma outra raiz negra do *rock* e não menos importante foi a música *gospel*.

Um estilo vocal emocionado e de complexidade harmônica caracterizou uma segunda, e importante, raiz negra do rock and roll, a música religiosa chamada *gospel*. Este estilo musical tem suas raízes na “igreja invisível” do final do período da escravidão, e era um

formato que incluía palmas, chamado-e-resposta, complexidade rítmica, batidas persistentes, improvisação melódica e acompanhamento com percussão. (FRIEDLANDER, 2017, p. 33).

A força da música negra inicialmente com o *blues rural*, depois com o *blues urbano* e por último com o *gospel* como precursoras do *rock*, estavam abertas a outros elementos culturais e étnicos com a música *folk* e *country* dos brancos.

O folk e a música country, tradicionais estilos brancos – e eles mesmos uma síntese de formas brancas e negras –, também contribuíram com ingredientes importantes para o início do rock and roll. Em meados dos anos 50, o rockabilly, uma fusão sulista e branca da música country, do blues, do gospel e do rhythm and blues, proporcionou a catálise musical e emocional para que muitos brancos ultrapassassem os limites da tradicional música country e entrassem na era do rock and roll. (FRIEDLANDER, 2017, p. 31).

Podemos observar que havia uma socialização com o sentimento de pertencimento dos negros e brancos americanos com o *rock*. Começava nessa época uma identidade que passava pela atitude, postura e estética, e que foi abraçada pelos jovens a partir de 1950.

Na era do homem de empresa, na qual os pais trabalhadores se esforçavam para ter seu lugar e se conformar, o rock se tornou um catalisador para os adolescentes formarem sua própria identidade de grupo – um companheirismo entre aqueles que gostam da música e se identificavam com ela. (FRIEDLANDER, 2017, p. 46).

Atualmente a sociabilidade em torno da música *rock* cria laços que são partilhados cada vez mais pelo grupo e não ficam estritos apenas ao estilo musical. Na visão de Maffesoli, a socialização cria partilhamento, onde os ideais apontam para uma adolescência prolongada, com o sentimento ou sensação de jovialidade em todas as faixas etárias. “O falar jovem, o vestir-se de jovem, os cuidados com o corpo, as histerias sociais são, amplamente, partilhados. Cada um, quaisquer que sejam sua idade, sua classe, seu status, é, mais ou menos, contaminado pela figura da ‘criança eterna’.” (MAFFESOLI, 2010, p. 8-9).

O individualismo que era à base da Modernidade, agora abre caminho para uma socialidade em direção ao outro. Essa transição do individualismo na Modernidade para o coletivo Contemporâneo, apontam para as manifestações sociais e para o partilhamento, tanto cultural, quanto religioso. “Basta ver a importância da moda, do instinto de imitação, das pulsões gregárias de todos os tipos, das múltiplas histerias coletivas, dos agrupamentos musicais, esportivos, religiosos, dos quais tenho frequentemente falado, para se convencer do contrário.” (Maffesoli, 2010, p. 12).

Neste caso o *rock* torna-se um elemento de interação social junto às tribos urbanas e realiza a função de ajuntamento dentro desses grupos. Essa coletividade participativa foi o que

Maffesoli denominou como tribos urbanas: “Em face da anemia existencial suscitada por um social racionalizado demais, as tribos urbanas salientam a urgência de uma sociedade empática: partilha das emoções, partilha dos afetos” (MAFFESOLI, 2010, p. 11). O tribalismo então, quebra a rigidez nos laços sociais e possibilita novas redes de relacionamentos, onde o grupo social torna-se dinâmico e orgânico. “O tribalismo lembra, empiricamente, a importância do sentimento de pertencimento, a um lugar, a um grupo, como fundamento essencial de toda a vida social.” (MAFFESOLI, 2010, p. 11).

Tanto o *rock* em seu nascimento como instrumento de protesto, e às tribos urbanas na contracultura mostram o não conformismo aos padrões culturais impostos pela sociedade. Esse inconformismo ocorre por vezes na cultura e na religião, daí modelos *undergrounds* e alternativos emergem e apresentam uma cultura ou culturas dentro da própria cultura.

Com o individualismo crescente na Modernidade todas as manifestações são passíveis de certa autonomia e liberdade para novas experimentações. Agora a cultura e a religião não são as bases normativas que dão sentido à vida das pessoas. Estas buscam suas próprias experiências, as que melhor se adaptem ao seu modo de vida com liberdade e autonomia, não aceitando mais nenhuma imposição daquelas instituições que eram o modelo ético e moral. “A ênfase incide, então, muito mais sobre o que une do que sobre o que separa. Não se trata mais da história que construo, contratualmente associado a outros indivíduos racionais, mas de um mito do qual participo.” (MAFFESOLI, 2010, p. 37).

De acordo com Durkheim, essa participação no âmbito religioso, advém da necessidade de uma representação cosmológica da humanidade:

Os homens foram obrigados a formar noção do que é religião, bem antes da ciência das religiões ter podido instituir suas comparações metódicas. As necessidades da existência obrigam-nos a todos, crentes e incrédulos, a representar, de alguma maneira, as coisas no meio das quais vivemos, sobre as quais temos sempre julgamentos a fazer e que devemos considerar no nosso comportamento. (DURKHEIM, 1989, p. 53).

Ainda na visão de Durkheim, observa-se o caráter divisível da religião pelo fato da mesma ser um todo, formado por unidades: “um sistema mais ou menos complexo de mitos, dogmas, ritos, cerimônias. Ora, um todo só pode ser definido em relação às partes que o formam.” (DURKHEIM 1989, p. 67).

Os movimentos juvenis nas tribos urbanas e o *rock* na sociedade atual apontam para novas formas de cultura e religião. Isso ocorreu pelo processo de individualização, ou seja, justamente por observar a religiosidade em partes, o que possibilita novas experiências, práticas

e novos sentidos para compreender a origem dos fenômenos religiosos e suas transformações. Na diversidade religiosa e no “*self service*” de possibilidades do Senso Religioso Contemporâneo, Durkheim argumenta se a prática religiosa não caminha no futuro para a um culto individual:

Todos os cultos parecem, por definição, independentes de qualquer ideia de grupo. E não apenas essas religiões individuais são muito frequentes na história, mas alguns se perguntam hoje se elas não são chamadas a se tornarem a forma eminente da vida religiosa e se não virá um dia em que não haverá outro culto senão aquele que cada um fará livremente no seu íntimo. (DURKHEIM, 1989, p. 78).

O *rock* como manifestação social cultural e religiosa em seu nascimento nas décadas de 1940 e 50, mostra como havia uma tensão da classificação das coisas entre profano e sagrado. No contexto de marginalização e opressão dos negros norte-americanos nas plantações de algodão, surgia o *blues* como música secular e o *gospel* como música sagrada, ambos, os estilos apesar de serem instrumentos de libertação, eram antagônicos. Durkheim (1989, p. 68), mostra essas tensões quanto ao uso de objetos profanos e sagrados: “supõem uma classificação das coisas, reais e ideais, que os homens representam, em duas classes ou em dois gêneros opostos, designados, geralmente por dois termos distintos traduzidos, relativamente bem, pelas palavras *profano* e *sagrado*.” Ainda segundo Durkheim (1989, p. 68), “por coisas sagradas, não se devem entender simplesmente esses seres pessoais que chamamos deuses ou espíritos; um rochedo, uma árvore, uma fonte, uma pedra, uma peça de madeira, uma casa, enfim, qualquer coisa pode ser sagrada.”

Dessa forma, o sagrado ocorre no âmbito religioso, com os fins que os homens como transformadores da cultura dão aos objetos. “O círculo dos objetos sagrados não pode pois ser determinado de uma vez por todas; sua extensão é infinitamente variável conforme as religiões.” (DURKHEIM, 1989, p. 68). Não somente na religião os objetos sagrados não podem ser determinados pela sua vasta riqueza de significação. Também na sociedade existem vários ícones, signos e práticas que não esgotam a sua riqueza, acabam por sinalizar os inúmeros sentidos da manifestação cultural e religiosa da comunidade ou do grupo. Neste caso o *rock* foi analisado como um estilo musical que transcendeu seu contexto original cultural e religioso, no qual possibilita novas ressignificações, quanto a sua utilização ainda hoje, no fenômeno religioso entre os jovens nas tribos urbanas contemporâneas.

Essa apropriação do *rock* como objeto sagrado mostra que a diferenciação entre sagrado e profano se dá pelo fim que as pessoas dão aos objetos. Os objetos sagrados se tornam separados e por isso se transformam em algo especial. Nessa separação da vida religiosa e da

vida profana observamos o *blues* como um produto musical dos negros americanos que no seu nascimento já demarcavam os espaços e os limites entre o sagrado e o profano.

Ocorreram gritos por libertação dos negros com o *blues* e com o *gospel* que ainda hoje ecoam com o *rock*. Podemos verificar que as bandas de *rock* cristão, as bandas de *rock* secular e até mesmo as bandas de *rock* satânico buscam por libertação de algo que os prenda, rotule, estigmatize ou imprima algum traço, mesmo que seja apenas ideológico. Os eventos com bandas de *rock* em igrejas e comunidades *undergrounds*, grandes festivais e concertos de *rock* espalhados pelo mundo mostram não apenas a separação quanto ao uso desse estilo musical no contexto religioso e secular, mas seu poder em atrair jovens bem como pessoas de várias idades.

## **1.2 O *rock* no diálogo inter-religioso e intercultural**

Durante vários séculos o diálogo inter-religioso e intercultural ocorreu entre os povos nos continentes, etnias, tribos, culturas, costumes, religiões e atualmente ele se faz necessário devido ao crescimento de discursos que propagam o etnocentrismo, a xenofobia, os fundamentalismos religiosos e a aporofobia. Nesse arcabouço atual, o diálogo é uma ferramenta primordial para combater todo tipo de desumanização, que ocorre entre religiões, culturas e raças.

Como vimos anteriormente com o nascimento do *rock* não foi diferente com as junções culturais e religiosas dos povos da África, América e Europa, a princípio com os índios americanos que já habitavam as terras do continente americano, depois com a chegada dos brancos e negros. A colonização que ocorreu a partir do século XVI com o domínio da Europa sobre o continente africano, americano e em outras partes do mundo mostram como era o espírito de conquista por novas terras e povos pelos colonizadores.

O *rock* como estilo musical foi o grito dos negros americanos em 1940, que ecoa ainda entre os jovens que estão nas mais variadas tribos urbanas dos grandes centros urbanos. Gritos de libertação que aconteciam no meio rural nas plantações de algodão, agora estão nas grandes metrópoles de todo o mundo. A pós-modernidade proporcionou e intensificou esse diálogo juvenil entre gerações de forma a torna-lo regionalizado com o tribalismo.

De acordo com Maffesoli (2010), o tribalismo ou tribalizações juvenis tiveram grande importância na socialização pós-moderna. Muitos jovens se socializam em torno de objetos, ideologias, mesmos gostos ou sensações. Para Maffesoli (2010, p. 3-5), o tribalismo se apresenta em dois eixos principais, a saber com o “arcaico” e o tribalismo juvenis, com a sua dimensão comunitária nos relacionamentos sociais e também com a saturação do conceito de



“Indivíduo”, que na sua visão são as duas raízes do tribalismo pós-moderno. O retorno às bases com o arcaico e a saturação do conceito de indivíduo retornam aos fundamentos e aos rudimentos de como as coisas são, o que proporciona relacionamentos sociais mais horizontais.

A cultura, para Maffesoli (2010, p. 01), é outro conceito dual. Para o sociólogo existem duas culturas, uma dentro da outra. Ele apontou para os “proprietários da sociedade” sendo os que têm o poder de dizer o que fazer e são o “poder instituído”, nas diversas formas, ou seja, política, cultural, religiosa, social e econômica. O “poder instituído” na sua visão é o que toma as decisões longe da vida cotidiana e, assim, da realidade da maioria da população. Por outro lado, ele mostra a vida selvagem, anômica e desordenada, como uma “potência instituinte”. Esta última proporciona o tribalismo juvenil, pela sua fragmentação em redes de socialização e pelo inconformismo ao que é ditado pelo “poder instituído” como padrão cultural para a grande massa de pessoas.

A dualidade do tribalismo e da cultura, sinalizadas por Maffesoli, também foram observadas na Comunidade Caverna de Adulão com a resistência de outras igrejas em aceitar a forma como os pastores da comunidade acolhiam e ainda incentivavam os jovens a se expressar na linguagem específica das tribos urbanas *headbanger* com o *rock* no início da comunidade. O tribalismo proporcionou a quebra da rigidez nos laços sociais e ainda possibilitou novas redes de relacionamentos, em que o grupo social tornou-se cada vez mais dinâmico e orgânico. “O tribalismo lembra, empiricamente, a importância do sentimento de pertencimento, a um lugar, a um grupo, como fundamento essencial de toda a vida social.” (MAFFESOLI, 2010, p. 11).

Na visão de Maffesoli (2010) as tribalizações são características da pós-modernidade, pelo fato de apontarem para as maneiras como esses jovens vivem e expressam as mais variadas formas de socialização com o afeto, sentimento de pertencimento, prazer de estar juntos e o partilhar das mesmas emoções. Essa sociabilidade também foi observada entre os jovens roqueiros no nascimento da Comunidade Caverna de Adulão. Ali se estabeleceu o diálogo entre a cultura e a religião, com o *rock* sendo o elemento unificador em suas práticas religiosas.

O fenômeno urbano possibilitou as mais variadas formas de socialização, em que a individualidade e as diferenças se diluíram nas diversas formas de viver e ser na cidade. A cidade proporcionou essa liberdade para que as jovens gerações se aglutinassem justamente no prazer de estar juntos e para partilhar as mesmas experiências sociais.

Ajudar-se mutuamente, encontrar novas formas de solidariedade, de generosidade, criar ocorrências caritativas, há tantas ocasiões para vibrar junto, para exprimir ruidosamente o prazer de estar-junto, ou, para retomar uma expressão trivial frequentemente nas novas gerações, para “gozar”. Expressão judiciosa no que ela ressalta bem o fim da forte identidade individual. Goza-se na efervescência musical, na histeria esportiva, no calor

religioso, mas igualmente em uma ocasião caritativa, ou, ainda, em determinada explosão política. (MAFFESOLI, 2010, p. 18).

Estas formas de “vibrar junto” e o “prazer de estar-junto”, sinalizam para a partilha dos iguais, com os mesmos desejos. As diversas manifestações culturais e religiosas na pós-modernidade, mostram que as tribalizações estão abertas às mais variadas socializações. Ao receber os jovens que estão nas tribos urbanas *headbanger* com o *rock*, os líderes da Comunidade Caverna de Adulão, demonstraram que estavam mais abertos a outras manifestações culturais, que não apenas àquelas próprias do contexto evangélico tradicional.

Maffesoli (2010) aponta para uma mudança na ocorrência das socializações, na qual o individualismo que era a base da modernidade, abriu o caminho para uma socialidade em direção ao outro. Essa transição do individualismo na modernidade para o coletivo pós-moderno, apontam para as manifestações sociais e para o partilhamento, tanto cultural, quanto religioso. “Basta ver a importância da moda, do instinto de imitação, das pulsões gregárias de todos os tipos, das múltiplas histerias coletivas, dos agrupamentos musicais, esportivos, religiosos, dos quais tenho frequentemente falado, para se convencer do contrário.” (MAFFESOLI, 2010, p. 12).

Essas variadas formas de sociabilidade na atualidade descritas por Maffesoli foram também observadas no âmbito religioso contemporâneo. Em que, o fiel pode não apenas construir de forma eletiva seus mais variados laços sociais, como faz seu próprio percurso na escolha dos objetos religiosos, na crença e na espiritualidade que se apresenta cada vez mais de forma alternativa.

Isso foi observado no início da Comunidade Caverna de Adulão, quando o *rock* tornou-se o elemento de interação social e religiosa junto às tribos urbanas e realizou a função de ajuntamento dentro desses grupos. Essa coletividade participativa foi o que Maffesoli denominou como tribos urbanas: “Em face da anemia existencial suscitada por um social racionalizado demais, as tribos urbanas salientam a urgência de uma sociedade empática: partilha das emoções, partilha dos afetos.” (MAFFESOLI, 2010, p. 11).

A utilização do *rock* como objeto sagrado, obteve uma maior abertura a partir da década de 90, onde as tribos urbanas se tornaram mais ecléticas e menos radicais. Aceitando várias fusões de diferentes estilos musicais, aliados aos elementos sonoros e ideológicos já existentes. Verificamos que essas narratividades com o *rock* e seus contextos históricos no seu nascimento emergiam duas representações com o “profano” e “sagrado”, bem como a apropriação desse estilo musical a partir de 1950 até os dias atuais com crenças e significados multiformes a cada

época e geração. Essa diversificação e multiformidade na sociabilidade na visão de Maffesoli, teve início com a *Modernidade* e floresceu na *Pós-Modernidade* com o relacionamento mais aprofundado no interior dos grupos ou tribos nas cidades e nos grandes centros urbanos.

A Modernidade, ao mesmo tempo que multiplicou a possibilidade das relações sociais, esvaziou-as, em parte, de todo conteúdo real. Essa foi, em particular, uma característica das metrópoles modernas. E sabemos que esse processo não contribuiu pouco para a solidão gregária sobre a qual tanto se tem falado. A Pós-Modernidade tende a favorecer, nas megalópoles contemporâneas, ao mesmo tempo o recolhimento do próprio grupo e um aprofundamento das relações no interior desses grupos. (MAFFESOLI, 2010, p. 153).

Essas transformações tiveram impacto direto na vida dos jovens que estavam à margem da sociedade e de seus direitos. A pós-modernidade possibilitou especialmente aos jovens a condição de contestar e questionar as instituições e toda forma de poder que se institua como absoluto. As tribalizações juvenis também ajudaram na socialização nos grandes centros urbanos, com a partilha e com o sentimento de pertencimento entre os jovens.

Portanto, o que observamos foi que novas formas de socialização se estabeleceram entre os jovens em Belo Horizonte, inclusive na esfera religiosa. As igrejas evangélicas tradicionais não viam os elementos culturais com bons olhos, ainda menos, as manifestações culturais desses jovens, com a produção e com o consumo da música *rock* das tribos urbanas *headbangers* que eram muito discriminadas na sociedade naquela época. No entanto, os líderes da Comunidade Caverna de Adulão, não apenas aceitaram esses jovens que pertenciam a tribo urbana *headbanger*, mais proporcionaram práticas religiosas que utilizassem o *rock*, tanto dentro da comunidade quanto fora, e ainda incentivaram a formação de bandas com os próprios jovens que ali se socializavam. O que demonstra o poder da música *rock* no diálogo inter-religioso e intercultural entre os jovens que estão nas tribos urbanas em nossos dias.

### **Considerações finais**

Percebemos no percurso histórico feito nessa pesquisa que a história é feita de camadas ou teias que estão ligadas. O diálogo inter-religioso e intercultural com o *rock* como elemento socializador mostra essa força das apropriações e ressignificações que a pós-modernidade proporciona até mesmo no âmbito religioso aos seus fiéis para expressarem em linguagem e cultura própria como é o caso dos jovens que estão nas tribos urbanas *headbangers*. Muitas igrejas e comunidades como a Caverna de Adulão em Belo Horizonte ao se apropriarem de

elementos da cultura como o *rock*, acabam retornando ao mesmo ponto de partida dos negros, ou seja, o diálogo inter-religioso e intercultural. Essa celebração da conjunção, do mestiço, da diversidade e da pluralidade apontam para as redes e teias sociais, que tem o poder de aglutinar, amalgamar as pessoas entre si e também com o espaço físico, descrito por Maffesoli como “enraizamento dinâmico”.

Esse “enraizamento dinâmico” se encontra na origem de todas as manifestações contemporâneas que celebram o território, os produtos da região, os festivais folclóricos, as lendas locais e as encenações históricas de um determinado fato importante, de um determinado personagem famoso da região, cidade ou cantão. O localismo, em seu sentido forte, é um componente da pós-modernidade. (MAFFESOLI, 2012, p. 07).

A cidade ou qualquer localidade passa a ter um destaque especial pelo fato das tribalizações ocorrerem a partir do uso do espaço físico como meio de socialização entre os diversos grupos que interagem e fazem uso do mesmo *habitat*. “Assim, nossas cidades não passariam de pontuação de lugares, às vezes de ‘pontos importantes’ onde vão encontrar-se as tribos – musical, esportiva, cultural, sexual, religiosa. E isso para celebrar o gosto que serve de cimento a cada uma das tribos.” (MAFFESOLI, 2012, p. 50). Observando as considerações de Maffesoli quanto ao tribalismo, vemos que ele traz novas possibilidades de socialização na pós-modernidade e o *rock* nesse caso desempenha papel como elemento socializador nas tribos urbanas *headbanger* na música, na cultura e também na religião, com novas formas de espiritualidade e práticas religiosas para esses jovens.

Muitas igrejas e comunidades como a Comunidade Caverna de Adulão utilizam as mais variadas formas em suas expressões culturais e nas práticas religiosas. As diferentes tribos urbanas se expressam com linguagem contextualizada suas práticas religiosas e suas espiritualidades alternativas e a música *rock*, se tornou uma das possibilidades dialogais na pós-modernidade das *pequenas narrativas* nas práticas religiosas e culturais, frente aos *grandes relatos*.

## Referências

DURKHEIN, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1989.

FRIEDLANDER, Paul. **Rock and Roll: uma história social**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

RODRIGUES, Flávio Lages. **A Liberdade do Espírito na vida e no rock.** Rio de Janeiro: MK, 2007.

RODRIGUES, Flávio Lages. **O rock na evangelização.** Rio de Janeiro: MK, 2006.

RODRIGUES, Flávio Lages. **Os desafios para a igreja pregar o Evangelho na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: MK, 2018.

SALINAS, Daniel; ESCOBAR, Samuel. **Pós-Modernidade:** novos desafios à Fé Cristã. São Paulo: ABU, 1999.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos:** o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo retorna:** formas elementares da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.